

SIRE, J.W. Apologetica além da razão: Por que ver é realmente crer. São Paulo: Cultura Cristã, 2017

Helio Sales Rios

No primeiro capítulo o autor tem como meta apontar os caminhos que a apologética pode tomar, apresentando, como base para seus estudos, a imortalidade e os “penúncios divinos”.

Para tanto, define, fazendo uma alusão a outra obra de sua autoria em que aponta que a apologética cristã é um meio de incorporar a fé cristã no intelecto e na emoção do ser humano. “A apologética cristã apresenta ao atento mundo uma incorporação tão cativante da fé cristã que todo aquele que tiver disposto a observar encontrará um testemunho convincente, intelectual e emocionalmente de sua verdade fundamental” (SIRE, W.J. A Little Primer on Humble Apologetics. Downers Grove: Intervasit, 2006, p. 26).

Traçando um histórico da apologética judaico-cristã, indicando que a mesma é antiga e, ao mesmo tempo, nova, por conta de novas formas de apresentação, Sire indica seus inspiradores apologetas que, de certa maneira, apresentavam a razão como argumento, algo este deixado de lado pela pós-modernidade. Assim sendo, o apologeta aqui apresenta suas convicções de transcendência que o mesmo já aponta como vagas e, portanto, deficitárias e necessitadas de “argumentos adicionais”.

Partindo dos ideais de Francis Schaeffer, que trabalhava tendo como base as Sagradas Escrituras indo ao encontro da cultura, “mentalidade da contracultura”, como meio para a compreensão de Deus, o autor, em uma palestra que ministrou na década de 1980 e que mais tarde foi publicada em livro, tinha o desejo que “as pessoas percebessem que a cosmovisão cristã explica melhor o caráter e o valor do pensamento racional (...) do que aquilo que elas tinham absorvido por osmose em sua experiência nas aulas de disciplinas não científicas” (SIRE, 2017, p. 21),

Para Sire, a apologética não pode se preocupar com simplesmente argumentos dedutivos ou argumentos indutivos, mas que uma “experiência evangélica de salvação” emite sinais de transcendência para uma compreensão da fé das razões, onde o cristão por meio do chamado estabelece um compromisso com Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

No capítulo segundo, o autor traça um paralelo entre o filósofo francês Descartes e o escritor de ficção científica Stanislaw Lem, em seus entendimentos sobre a existência de Deus.

Crendo que “tudo aponta para o Deus trino”, o apologeta indica o que ele chama de “fracasso dos argumentos” do primeiro que apresentaria razões para a existência de Deus. Mostrando seu interesse pela filosofia e pela dúvida sobre uma ação divina e sua permissão para que todos sejam cristãos, concluiu que “todos os nossos argumentos se baseiam em última instância em pressuposições” (SIRE, 2017, p. 29).

Pela pressuposição cartesiana do “penso, logo existo”, onde Deus e o mundo externo podem não existir haja vista a autonomia da razão humana onde a busca pela verdade é pelo seu “eu”, ou seja, um individualismo pluralista, e em paralelo a essas teorias, onde Sire faz um síntese de um episódio sem título da obra *The Cyberiad* de Lem, sobre a cibernética como sendo o que restava sobre a vida consciente, sendo este autor um naturalista, claramente refutaria o argumento cosmológico pela existência de Deus, mesmo crendo que ninguém possa contar qual é a história principal do universo, Sire nos apresenta as seguintes conclusões:

- 1) O naturalismo não nos dá uma fundamentação para confirmarmos em nossa razão; 2) Se o naturalismo é verdadeiro, podemos ter pouca certeza de que seja verdadeiro; e, o mais importante; 3) não podemos ter nenhuma certeza de que nosso aparente conhecimento sobre próprio “ser” é verdadeiro (SIRE, 2017, p. 38).

Portanto, o autor assim, considera que apenas no Antigo bem como no Novo Testamento é que o homem terá condições de descobrir, por meio das revelações ali deixadas, sobre o infinito Deus.

No capítulo três Sire argumenta a partir de Deus para a concepção do entendimento do divino. Apontando que, ao pecador, é muito mais aprazível descartar Deus do que reconhecê-lo em sua soberania, apresenta três razões para que os ateus desejem uma não existência de Deus:

- 1) Não há nenhuma evidência de Deus – algo falso já que há argumentos, segundo o autor, com a defesa, por meio da composição da realidade material, da ressurreição de Cristo;
- 2) Rejeição por razões lógicas abstratas – já que, segundo essa, um Deus perfeito não poderia criar um mundo imperfeito. Tal, entretanto, não convence;
- 3) Métodos Científicos que não apontam Deus – bem como de outro criador ex nihilo. Nesta, porém, a base está na autonomia da razão humana que é uma teoria, já apontada, problemática.

Defendendo como base para teoria de negação ou afirmação de sua existência o próprio Deus por meio de estudos e que a cosmovisão cristã, baseia-se, portanto, em revelação externa, Sire apresenta três pontos de abordagem apologética:

- 1) Uma argumentação a partir de Deus, não para Deus;
- 2) Uma argumentação a partir de tudo para Deus;
- 3) Uma argumentação a partir de nossa experiência pessoal – percepção direta – de Deus em tudo.

Por meio de uma transcendência e seus sinais, como já apontados nos capítulos anteriores e defendidos por Sire, o autor cita Peter Beger nos seguintes argumentos em sua obra “A Rumor of Angels” de 1970, publicada pela Anchor Books:

- 1) Argumento da ordem – amor de uma mãe ao filho apavorado no meio da noite;
- 2) Argumento do jogo – Mundo Secundário, o tempo fica suspenso e se assume a eternidade;
- 3) Argumento da esperança – onde, desde o nascimento se aguarda a eternidade;

- 4) Argumento da condenação – onde se aguarda a penalização de Deus aos atos desprezíveis;
- 5) Argumento do humor – onde, qual é a realidade e qual é o transcendente. O humor surge quando aquilo que se espera é substituído por algo não esperado.

Assim então, conclui Sire, “o transcendente se torna imanente no discurso registrado pelos profetas. Então, a própria Palavra, ela mesma falada, pelo Pai, se encarna. E nele todas as coisas realmente se mantêm juntas... (SIRE, 2017, p. 55).

No capítulo quatro o autor apresenta dois mundos, O Mundo Primário e o Mundo Secundário como existentes para moldar a ação humana. Nestes mundos, o Secundário precisa de orientação do Primário para poder saber como se portar.

O poeta, e sua literatura, assim, é o responsável, por meio de técnicas artísticas, levar as informações para que o Mundo Secundário se sustente. O leitor, dessa maneira, teria como tarefa “capturar a Natureza do Mundo Secundário e perceber nele o que o artista compreendeu ser o Mundo Primário”. (SIRE, 2017, p. 74). Uma relação, dessa forma, entre artista e audiência.

Para tanto, o leitor precisa se atinar para três situações nessa relação:

- 1) Prestar atenção para que o poema entre em sua consciência;
- 2) Interpretar o poema e sua conexão na história intelectual e social;
- 3) Identificar a cosmovisão do poema e como ela modifica sua compreensão da realidade.

Por conta dessa relação é que a obra, Mundo Secundário é criada. Levando isso à compreensão cristã Sire descreve: “(...) o que torna cristã minha definição de literatura é que ela explica o poder que sentimos em toda grande poesia, quer escrita dentro de uma cosmovisão cristã ou não (...). Toda inspiração se fundamenta em Deus, o criador”. (SIRE, 2017, p. 65).

Trabalhando ainda sob a teoria que uma obra literária pode aproximar o Mundo Secundário do Mundo Primário, Sire no, capítulo cinco, analisa a obra de dois autores, Gerard Manley, criado desde cedo como anglicano e de Virginia Woolf, uma romancista não cristã em “A magnificência de Deus” e “Jacob’s Room” e “The Years” respectivamente.

Na obra do primeiro é claramente perceptível a composição segundo uma perspectiva de cosmovisão cristã. Ali, o poeta apresenta os seres humanos em sua condição de caídos sendo rebeldes contra Deus. Segundo o apologeta essa poesia “enriquece o leitor com uma compreensão profunda sobre Deus, o universo e a humanidade”. (SIRE, 2017, p. 82).

Mas, como identificar na obra da segunda um apontamento para o divino?

Em Jacob’s Room aponta uma poesia que mostra um mundo delineado por impressões que chamam atenção como som e cor. Não há, entretanto, uma substância naquele mundo onde alunos que entram na capela da universidade ali descrita, entram em cerimônia como se tivessem flutuando, como se não tivesse ali nada físico.

Respondendo a pergunta acima, Sire aponta duas vertentes. A primeira é que a autora construiu um Mundo Secundário, ou seja, ela seria o “deus-criador” desse mundo. A segunda se pauta em questões psicológicas que, faz com que os personagens ao fugirem de seu mundo, cressem e agissem como se existisse algo a mais que impressões, tendo, assim, uma consciência subjetiva.

Em The Years, o autor identifica em sua criadora um esforço para constuir um romance mas que, segundo Sire, encontra sinais de transcendência, “ecos de uma voz” que sussura.

O apologeta chega, assim, a três conclusões: 1) A literatura a partir de um ponto de vista cristão é um testemunho direto da verdade da fé cristã; 2) Embora haja literatura cuja cosmovisão contradiga ou não apoie diretamente a fé cristã, ela geralmente testemunha a favor da fé cristã; 3) a própria literatura, como um

subestrutura que reflete o completo poder criativo de Deus, aponta para além de si mesma, para um domínio transcendente. (SIRE, 2017, p. 97-98).

Para tanto, Sire cita Peter Kreeft e e Ron Tacelli e seu argumento a partir da experiência estética, onde, se “existe a música de Johann Sebastian Bach. Portanto, Deus existe. Ou você percebe isso ou não”. (KREEFT, P, TACELLI, R. Handbook of Christian Apologetics. Downers Grove, IL: Inter Varsit, 1994, p. 81).

Pela música se percebe algo glorioso, mesmo que não se identifique a glória de Deus sabe-se ali que não é uma glória material. “Em outras palavras, a literatura testifica acerca de um domínio transcendente no qual estão incorporados os valores fundacionais do seu Mundo Secundário”. (SIRE, 2017, p. 103).

Apresentando uma síntese sobre a ficção “Pensamentos Noturnos e Sonhos Diurnos” de Francisco Goya, Sire vai apontar no capítulo sexto a história de Jake, um viajante que conheceu toda uma região da Europa e suas belas construções arquitetônicas mas que, em muitas dessas, fez com sua esposa Mary acometida de câncer.

Nestas viagens, entretanto, conheceu teorias e poesias, e leu de Dylan Thomas que “e a morte não terá domínio”. Contudo, Mary falece e o protagonista se encontra em situação de confusão. O êxtase de tudo que viu apontava para um Deus bom e amoroso, enquanto que a experiência da dor apontava para a necessidade de um alívio vinda de uma fonte transcendente.

“A fé cristã explicava a presença da bondade no mundo e porque o mundo não era mais bom”. (SIRE, 2017, p. 123). Deus, alcançara Jake na Europa em sua fuga, onde percebeu que a fé que sua esposa viveu, era, de fato, verdade.

No derradeiro capítulo sete Sire apresenta, agora, sua fé em Jesus como seu Senhor e salvador, com o qual assumiu um compromisso de vida.

Sua fé estaria alicerçada na Bíblia, uma literatura que apresenta esse Jesus como o Deus, o que é o universo e a humanidade. Jesus seria seu maior argumento para que ele cresse no próprio Jesus.

Relembrando o capítulo terceiro, Deus se dá a revelar aos profetas e em sua presença íntima conosco, além das coisas ordinárias e extraordinárias podendo ser por sinais de transcendência, mas, frisa o autor, com cuidado para não entrar num pensamento panteísta.

Sire, assim, apresenta sete enigmas que Cristo resolveu. Enigmas estes que se relacionam com a experiência humana:

- 1) O Enigma do Pecado e da Salvação – pecado ativo na vida do homem e o perdão encontrado nas Escrituras;
- 2) O Enigma da Cruz - o Deus justo se encarna para cumprir sua vontade soberana em morrer pelo ser humano;
- 3) O Enigma do Mal – na cruz o mal causado pelo pecado, separação do homem de Deus, é resolvido;
- 4) O Enigma do Sofrimento – Cristo levou sobre si, na cruz, o sofrimento que era destinado ao ser humano;
- 5) O Enigma da Natureza Humana – Jesus resolve em direcionar a glória ou a desgraça, condenação ou salvação, tornando-se homem para isso;
- 6) O Enigma da Razão Humana – Cristo é o fundamento da razão. Ele é a Palavra, o Lógos, a razão pela qual o cosmos é ordenado;
- 7) O Enigma de Corpo e Alma – A ressurreição de Cristo é a garantia de possibilidade do homem também ressuscitar. “Há ressurreição dos mortos” (SIRE, 2017, p. 142).

Pode-se, nesta obra, verificar como o apologeta e escritor, de maneira clara e objetiva, sem entretanto deixar de ser profundo, apresenta sua forma de estruturar sua apologia e comsovisão cristã de acordo com o estabelecido por meio da Bíblia, e assimilado por sua fé, de ensinamentos sobre a existência de Deus e o quanto isso direciona suas ações.

HELIO SALES RIOS, teólogo, filósofo e aluno cursando o segundo semestre de Ciências da Religião Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP